

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: A PRÁTICA DA COMUNICAÇÃO ORAL COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES

SCIENTIFIC DISSEMINATION IN SCIENTIFIC INITIATION: THE PRACTICE OF ORAL COMMUNICATION AS A TOOL FOR RESEARCHER TRAINING

DIVULGACIÓN CIENTÍFICA EN LA INICIACIÓN CIENTÍFICA: LA PRÁCTICA DE LA COMUNICACIÓN ORAL COMO HERRAMIENTA DE FORMACIÓN DE INVESTIGADORES.

Leidiane Raimundo Cordeiro ¹

Clecio dos Santos Bunzen Júnior ²

Resumo: Este artigo discute a prática da comunicação oral como forma de divulgação científica no contexto da Iniciação Científica (IC), destacando seu papel na formação de pesquisadores e no desenvolvimento dos letramentos científico e acadêmico. Com base em pesquisa qualitativa (Lüdke; André, 2012) e etnográfica (Uriarte, 2012), acompanhamos duas pesquisadoras do curso de Letras durante a realização de suas comunicações orais nos seminários de avaliação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC). Para tanto, tomamos o conceito de letramento enquanto prática social (Street, 2014; Barton; Hamilton, 2004; Gee, 2004; Fischer, 2008; Fiad, 2015), de práticas e eventos de letramento (Street, 2014), de campo científico (Pierre Bourdieu, 1983; 2004), da Iniciação Científica (Massi; Queiroz, 2015) e dos estudos sobre oralidade e comunicação oral - aspectos linguísticos, não linguísticos e estruturais - (Dolz *et al.*, 2004; Zani, 2018; Bueno, 2008). Os resultados mostram que a comunicação oral contribui para o pertencimento dos(as) estudantes nos campos científico e acadêmico, promovendo a construção de uma identidade de pesquisador(a). Contudo, evidencia-se a falta de orientação explícita para essa prática no ensino superior, o que reforça a necessidade de ações pedagógicas sistemáticas que abordem suas especificidades. Concluímos que a comunicação oral, enquanto prática de divulgação científica, não apenas socializa o conhecimento, mas também desempenha um papel na formação científica e acadêmica, ao integrar estudantes às práticas discursivas e sociais desses campos.

Palavras-chave: Comunicação oral. Divulgação científica. Práticas de letramento científicas. Formação de pesquisadores.

Abstract: This article discusses the practice of oral communication as a means of scientific dissemination within the context of Scientific Initiation (IC), highlighting its role in the training of researchers and the development of scientific and academic literacy. Based on qualitative (Lüdke; André, 2012) and ethnographic (Uriarte, 2012) research, we followed two researchers from the Language program during their oral communications at the evaluation seminars of the Institutional

¹ Mestra em Linguística (UFPE). Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica. E-mail: leidianeraimundo21@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9457-5678>.

² Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP). Professor do Departamento de Ensino e Currículo (DEC) do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPE) e do Mestrado Profissional em Letras (Profletras). E-mail: clecio.bunzen@ufpe.br. | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2311-963X>.

Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) and the Institutional Voluntary Program for Scientific Initiation (PIVIC). For this purpose, we adopted the concept of literacy as a social practice (Street, 2004, 2014; Barton; Hamilton, 2004; Gee, 2004; Fischer, 2008; Fiad, 2015), practices and literacy events (Street, 2004, 2014), scientific field (Pierre Bourdieu, 1983; 2004), Scientific Initiation (Massi; Queiroz, 2015), and studies on orality and oral communication – linguistic, non-linguistic, and structural aspects (Dolz *et al.*, 2004; Zani, 2018; Bueno, 2008). The results show that oral communication contributes to students' sense of belonging in the scientific and academic fields, promoting the construction of a researcher's identity. However, a lack of explicit guidance for this practice in higher education is evident, reinforcing the need for systematic pedagogical actions addressing its specificities. We conclude that oral communication, as a scientific dissemination practice, not only socializes knowledge but also plays a role in scientific and academic training by integrating students into the discursive and social practices of these fields.

Keywords: Oral communication. Scientific dissemination. Scientific literacy practices. Researcher training.

Resumen: Este artículo aborda la práctica de la comunicación oral como una herramienta de divulgación científica en el marco de la Iniciación Científica (IC), subrayando su importancia en la formación de investigadores y en el desarrollo de la literacidad científica y académica. A partir de una investigación cualitativa (Lüdke; André, 2012) y etnográfica (Uriarte, 2012), se siguió a dos investigadoras del programa de Letras durante la realización de sus presentaciones orales en los seminarios de evaluación del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica (PIBIC) y del Programa Institucional Voluntario de Iniciación Científica (PIVIC). Para ello, se adoptaron conceptos de literacidad como práctica social (Street, 2004, 2014; Barton; Hamilton, 2004; Gee, 2004; Fischer, 2008; Fiad, 2015), de prácticas y eventos de literacidad (Street 2014), del campo científico (Pierre Bourdieu, 1983; 2004), de la Iniciación Científica (Massi; Queiroz, 2015) y de los estudios sobre oralidad y comunicación oral – aspectos lingüísticos, no lingüísticos y estructurales – (Dolz *et al.*, 2004; Zani, 2018; Bueno, 2008). Los resultados revelan que la comunicación oral favorece el sentido de pertenencia de los estudiantes en los ámbitos científico y académico, facilitando la construcción de una identidad como investigador. No obstante, se destaca la falta de orientación explícita para esta práctica en la educación superior, lo que refuerza la necesidad de implementar acciones pedagógicas sistemáticas que aborden sus características particulares. Se concluye que la comunicación oral, como práctica de divulgación científica, no solo facilita la socialización del conocimiento, sino que también cumple una función en la formación científica y académica al integrar a los estudiantes en las prácticas discursivas y sociales de estos campos.

Palabras clave: Comunicación oral. Divulgación científica. Prácticas de alfabetización científica. Formación de investigadores.

Introdução

Estamos envoltos em uma sociedade que diariamente nos oferece diversos e diferentes estímulos sociais. Ou seja, participamos e observamos diferentes práticas sociais, nos diversos campos da vida humana, as quais apresentam características sociais, históricas e culturais próprias. Isso não se difere nos campos científico e acadêmico. As práticas, os eventos, as linguagens científica e acadêmica que ali são realizadas têm particularidades que as distinguem, isto é, têm objetivos e ensinamentos próprios.

Nesse sentido, a comunicação oral que transita entre os campos científico e acadêmico, embora amplamente utilizada/praticada, ainda carece de reflexões sistemáticas e de orientações pedagógicas que preparem os(as) estudantes para mobilizar adequadamente os recursos discursivos necessários à divulgação científica. Assim, este estudo visa refletir sobre essa lacuna ao analisar como essa prática oral de divulgação científica no contexto da Iniciação Científica, a partir da observação das suas características discursivas e da sua importância na formação de pesquisadores(as), contribui tanto para o desenvolvimento científico e acadêmico quanto para a construção de uma identidade/*habitus* de pesquisador(a).

A partir de uma abordagem qualitativa e etnográfica, este estudo (fruto de uma dissertação de mestrado defendida na UFPE) acompanhou duas estudantes/pesquisadoras do curso de Letras durante suas apresentações orais no contexto da Iniciação Científica. As análises foram realizadas com base em registros audiovisuais das comunicações orais e de Rodas de Conversa de natureza etnográfica realizadas no ano de 2023. Ao ingressar no Ensino Superior, o(a) estudante participa de diversas práticas sociais e de linguagens que são comuns a esse contexto. Apesar de diversas, realizam-se em um contexto particular, no imbricamento dos campos³ científico e acadêmico. As linguagens científica e acadêmica que perpassam esses campos são compostas por diversas práticas orais e escritas com características próprias. Ao observar mais especificamente as práticas orais, pesquisas apontam que elas não costumam ter um ensino explícito (Magalhães; Castro; Neves, 2022), não são alvo de reflexões sobre as suas particularidades, nem mesmo a comunicação oral⁴, um dos gêneros mais recorrentes na universidade (Bueno, 2008; Magalhães; Castro; Neves, 2022) e um dos mais utilizados no campo científico para a divulgação científica.

Vale salientar que a prática da comunicação oral na Iniciação Científica (IC) se particulariza no contexto, além de ser uma exigência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) / CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pois solicita que os(as) participantes apresentem os resultados das pesquisas de forma oral. Enfatizamos que a IC, de modo geral, busca a formação de futuros pesquisadores e que essa formação também contempla a divulgação dos resultados das pesquisas científicas por meio de práticas orais.

Este artigo, no intuito de contemplar tal discussão, está organizado em quatro seções principais. Na primeira, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa; em seguida,

³ Adotamos a noção de campo de Bourdieu (2004, p. 20), para quem “a noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias”.

⁴ No contexto dos campos científico e acadêmico, a comunicação oral assume a função de divulgar as pesquisas científicas, permitindo a ampliação do público, como também, que o(a) expositor(a) possa trocar informações, ideias, dúvidas, sugestões com seus pares (cf. Zani, 2018).

detalhamos a fundamentação teórica, explorando os conceitos de letramento científico, comunicação oral e iniciação científica. A terceira seção é dedicada aos resultados e as discussões, com foco nas comunicações orais realizadas pelas pesquisadoras, na qual discutimos as implicações desses achados para a formação científica, acadêmica e de pesquisador(a). Por fim, apresentamos as considerações finais.

Percurso metodológico

A investigação aqui proposta teve como base a Linguística Aplicada transgressiva e indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e acompanhou duas pesquisadoras do curso de Letras-Licenciatura (Português/Inglês) da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) durante a participação na IC. As pesquisadoras são Luísa (participante do PIBIC) e Luana⁵ (participante do PIVIC) as quais ingressaram no curso de Licenciatura em Letras no primeiro semestre do ano de 2020. Durante as Rodas de Conversa, ambas falaram que foram motivadas a iniciar a pesquisa científica pela busca do conhecimento e pela curiosidade de descobrir coisas novas.

A escolha pelo método qualitativo (Lüdke; André, 2012) e pela pesquisa etnográfica (Uriarte, 2012) justifica-se pela necessidade de compreender as práticas de comunicação oral em seu contexto real, explorando as interações discursivas e sociais que as constituem. Esse método possibilitou a observação e o registro detalhado dos eventos de apresentação oral⁶ nos seminários de avaliação dos relatórios parcial e final e as percepções das pesquisadoras sobre suas práticas de letramento.

Para a geração dos dados, foi realizada a gravação audiovisual das comunicações orais das pesquisadoras, referentes aos relatórios parcial e final. O relatório parcial foi apresentado no dia 24 de maio de 2023, na sala de Web Conferência na UFAPE, das 08h00 às 10h30min. Nesse dia, em específico, a sessão contou com apresentações da área de Ciências Humanas e de Linguística/Letras⁷, de estudantes do PIBIC/PIVIC e do PIBIC/PIVIC-AF e do PIBIC/PIVIC-EM. A apresentação do relatório final foi realizada no dia 18 de setembro de 2023, na sala do

⁵ Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelas pesquisadoras participantes desta pesquisa para que o anonimato fosse garantido.

⁶ Esclarecemos que no edital do PIBIC/PIVIC-AF/UFAPE 2022/2023 é usado o termo “apresentação oral” para designar a apresentação realizada de forma oral para divulgar as pesquisas no seminário de avaliação, por isso, em determinados momentos, fazemos uso dessa terminologia. Para saber mais, acesse o edital na íntegra no link a seguir: <https://ufape.edu.br/sites/default/files/arquivos/Edital%20PIBIC-EM%20-%202022-2023-UFAPE.pdf>.

⁷ De acordo com o edital PIBIC/PIVIC-AF/UFAPE 2022/2023, nomeia-se de grandes áreas, item “d) Ciências Humanas, Linguística/Letras e Artes”. A nomenclatura segue classificação da CAPES 2022/2025.

PROFLETRAS, das 09:00 às 10h30min, com apresentações de pesquisadores(as) do PIBIC/PIVIC, PIBIC/PIVIC-AF da área de Linguística/Letras. Cada pesquisador(a) teve 10 minutos para cada apresentação e 05 minutos para a arguição da banca, composta por dois professores, um interno e outro externo à instituição. Na UFAPE, toda área conta com uma comissão responsável pela organização dos seminários de avaliação. As datas foram divulgadas pelo programa com antecedência, indicando lugar e horário, bem como, os professores que iriam compor cada banca.

Realizamos ainda sete Rodas de Conversa mensais, de maio a novembro de 2023, com uma média de duração de uma hora cada. Os encontros foram gravados em áudio e em vídeo e ocorreram na sala do PROFLETRAS da UFAPE. O objetivo foi desvendar os significados das colocações de cada participante e os sentidos atribuídos às práticas de letramento na IC, contribuindo, assim, para os achados científicos (Moura; Lima, 2014) deste estudo.

Quadro 1: Síntese das etapas da geração de dados.

Etapas	Data	Local	Forma de registro	Objetivo
Rodas de Conversa	De maio a novembro de 2023	Sala do PROFLETRAS / UFAPE	Registro audiovisual	Explorar as percepções das pesquisadoras sobre sua prática oral e identificar desafios enfrentados e registrar como essas experiências foram sendo reformuladas ao longo das duas apresentações.
Apresentação oral do relatório parcial	24/05/2023	Sala de Web Conferência / UFAPE	Registro audiovisual	Observar as particularidades da prática oral para a divulgação científica no contexto da IC.
Apresentação oral do relatório final	18/09/2023	Sala do PROFLETRAS / UFAPE	Registro audiovisual	Observar as particularidades da prática oral para a divulgação científica no contexto da IC.

Fonte: Os autores (2025).

Os dados gerados, desse modo, foram analisados com base nos elementos discursivos e estruturais do gênero comunicação oral, considerando aspectos linguísticos, não linguísticos e organizacionais. Essa abordagem buscou ainda compreender de que forma essa prática contribui para a formação das pesquisadoras enquanto participantes da IC e de integrantes dos campos científico e acadêmico.

Fundamentação teórica

Os diferentes domínios de letramento⁸ dos quais participamos, religioso, acadêmico, familiar, de trabalho, exigem de nós o uso de diversas práticas de letramento e diferentes conhecimentos. Como ocorrem em contextos específicos, além de vivenciá-los e produzi-los, atribuímos significado a eles com base em fatores que envolvem poder, hierarquia, *status* social, formação acadêmica, entre outros. Pontuamos tal aspecto para reafirmar que não há um único letramento, mas letramentos, no plural, como defende Street (2014). Não existe um único saber, um único conhecimento, uma única prática. Todas as práticas de letramento são plurais e se adequam ao contexto comunicativo, social e histórico dos quais fazem parte. Por isso, adaptamos a linguagem ao contexto, ponderamos sobre qual o melhor gênero para trabalhar a divulgação científica, por exemplo. Defendemos, assim, que os letramentos devem ser entendidos como prática social (cf. Barton; Hamilton, 2004; Gee, 2004; Street, 2014; Fischer, 2008; Fiad, 2015), visto que eles estão sempre atrelados às atividades sociais das pessoas, desde as mais cotidianas até as mais institucionalizadas.

Os Novos Estudos do Letramento (NEL), portanto, corroboram com essa perspectiva e têm a preocupação de compreender como as práticas de letramento acontecem e significam nas práticas sociais, qual a sua função nos contextos específicos, quais os seus significados para os participantes daquele contexto. Ou seja, os NEL entendem que os letramentos são práticas sociais diversificadas e situadas (Fiad, 2015), que não estão isoladas e possuem características específicas nos contextos sociais em que são realizadas.

Ao trazer para o contexto desta pesquisa, realçamos que comunicar oralmente os resultados de uma pesquisa (em andamento ou finalizada) implica se envolver em uma prática de letramento científico. Por isso, tal prática social assume uma função central na Iniciação Científica, pois é por meio dela que os resultados das pesquisas são validados e compartilhados para os pares e para a comunidade científica e acadêmica no geral, além de alcançar a sociedade. Além disso, conforme discutido por Motta-Roth (2011), os gêneros orais, como esse, permitem que os estudantes desenvolvam uma identidade/*habitus* de pesquisadores ao interagir diretamente com seus pares e com especialistas. Esse aspecto é especialmente relevante no contexto das apresentações realizadas no PIBIC e PIVIC, durante as quais a prática da comunicação oral assume funções simultaneamente formativa e de divulgação científica, favorecendo a apropriação de práticas

⁸ “Domains are not accidental or random configurations of literacy practices; rather, they are particular configurations of literacy practices and there are regular ways in which people engage in particular literacy practices in particular domains.” (Barton; Hamilton, 1998, p. 62). CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

discursivas próprias do campo acadêmico e a consolidação da identidade científica das pesquisadoras.

No âmbito dos Novos Estudos do Letramento, dois conceitos são importantes e foram base para esta pesquisa: eventos e práticas de letramento. Eventos de letramento são acontecimentos em que um ou mais textos escritos são essenciais para a interação de uma ou mais pessoas de uma determinada comunidade em um contexto social (Barton; Hamilton, 2004; Fischer, 2008). Práticas de letramento são as formas de pensar e agir que envolvem a concepção de leitura e escrita nos eventos de letramentos (Street, 2014).

Nas práticas de letramento no campo científico observamos a investigação das práticas de linguagem e sociais, da forma de agir e de pensar, de ler, de escrever, de falar, de ouvir, de produzir textos que são comuns a esse campo. As práticas de linguagem, nesse caso, são caracterizadas pelo fazer científico, que por sua vez, necessita de uma divulgação dos resultados obtidos e, por conseguinte, de uma validação de seus pares. Ou seja, é necessário que os dados divulgados sejam validados pelos membros daquela comunidade científica. Em geral, esses membros ocupam um lugar de destaque nessa comunidade, se apresentando como um especialista (Bourdieu, 2004; Motta-Roth, 2011; Magalhães; Cristovão, 2018). Esse aspecto ocorre porque o discurso científico não é hegemônico e tem o poder de construir verdades, acontecendo por meio dos gêneros que são comuns nesse meio, como os artigos científicos e as comunicações orais (cf. Motta-Roth, 2011).

Estudiosos como Santos (2007) e Motta-Roth (2011) comungam da compreensão de que as práticas de letramento científico proporcionam o conhecimento dos conteúdos, das ferramentas, da linguagem e de questões sociais e políticas que envolvem o fazer científico. Seus participantes devem ter a possibilidade de vivenciar significativamente as suas práticas e isso envolve não só a participação nestas, mas o entendimento dos sentidos que as compõem, das relações de poder que são ali estabelecidas. Os(as) participantes, nesse sentido, não devem ser apenas meros(as) reprodutores(as) dos textos científicos e das práticas sociais e de linguagem, mas ter o conhecimento dos sentidos que estão sendo construídos, de todo processo que compõe essa ação investigativa. A perspectiva da investigação das práticas de letramento científico é tomada, portanto, numa contextualização social, em que se deve privilegiar mais uma cultura que valorize o conhecimento científico do que uma em que o destaque é apenas a aplicação de práticas metodológicas (Magalhães; Cristovão, 2018).

O estudo das práticas de linguagem que acontecem no ambiente acadêmico investiga a escrita a partir do conhecimento e do poder existente nas relações sociais (Street, 2014; Fiad, 2015). Ou seja, além da compreensão do seu funcionamento, investiga como o sentido é construído nas relações sociais e de poder estabelecidas entre os sujeitos, entre as práticas de linguagens e entre as

práticas sociais a que estão associadas. Essas práticas sociais são situadas e não se manifestam de forma neutra. Pelo contrário, são fenômenos complexos, perpassados por questões históricas, sociais, econômicas, culturais, políticas que marcam as pessoas de cada momento sócio-histórico (Fischer, 2008). Nesse sentido, Fischer (2007) reitera a importância de considerar as práticas de linguagem que acontecem no ensino superior como situadas socialmente, pois a não compreensão pode acarretar uma possível exclusão dos universitários.

Considerando os objetivos deste trabalho e as discussões anteriores, é importante reconhecer que os(as) participantes atuam como pesquisadores(as), pois estão inseridos(as) tanto na produção quanto na divulgação científica. Ou seja, leem, ouvem, assistem, produzem e vivenciam práticas que integram o campo científico. Essa participação ativa contribui para que os(as) estudantes se reconheçam como parte desse universo e se tornem produtores(as) das práticas, dos eventos e dos gêneros que o caracterizam, construindo, assim, um *habitus* comum à ação investigativa (Bourdieu, 2004; Canaan; Nogueira, 2015; Moura; Cecchetti; Bernardi, 2020).

Para falar da organização interna do gênero comunicação oral, tomamos o trabalho de Dolz *et al.* (2004)⁹ que propõem sete etapas detalhadas a seguir:

- a) *abertura* - etapa inicial em que o(a) expositor tem o primeiro contato com o público, se apresenta, fala o título da sua pesquisa. Essa etapa se mostra importante porque o(a) expositor(a) legitima a sua fala, se define como especialista do tema, se mostrando, assim, uma fase bastante ritualizada.
- b) *introdução ao tema* – etapa em que é apresentado e definido o tema para o público. Essa etapa é essencial para que o(a) expositor(a) capte a atenção e o interesse do público, isso porque, é o momento em que é exposto as razões e as motivações da escolha do tema.
- c) *apresentação do plano da exposição* – é o momento em que é enumerado os subtemas e o planejamento da exposição.
- d) *desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas* – etapa em que é explicitado ao público os subtemas da exposição, que geralmente corresponde aos objetivos, a metodologia, a discussão dos resultados.
- e) *uma fase de recapitulação e síntese* – é uma etapa de transição, em que o(a) expositor(a) retoma os principais pontos e inicia a fase de conclusão.

⁹ Dolz *et al.* (2004) apresentam essas características para o gênero exposição oral. No entanto, diversas pesquisas que abordam o seminário e a comunicação oral fazem uso desse referencial, como é o caso dos estudos de Bueno (2008) e Zani (2018). Conforme destaca Zani (2018), esses gêneros apresentam semelhanças em alguns aspectos — entre eles, a organização interna. Por essa razão, consideramos esses elementos pertinentes para a abordagem da comunicação oral neste trabalho.

- f) *conclusão* – etapa em que são evidenciadas as conclusões finais.
- g) *encerramento* – etapa final em que o(a) expositor(a) encerra a apresentação fazendo agradecimentos ao público, e a exemplo da abertura, é uma fase bastante ritualizada.

Algumas dessas etapas são bastante ritualizadas, como a abertura e o encerramento, enquanto outras são menos utilizadas, a exemplo da apresentação do plano da exposição. O fato é que para que a comunicação oral seja compreendida pelo público, é preciso que esta esteja organizada, que as informações fornecidas sigam uma sequência, por isso, é importante considerar que essas etapas auxiliam exatamente na organização do encadeamento das informações, dos temas e subtemas da pesquisa que são apresentadas de forma oral.

Além da organização interna do gênero, precisamos considerar os aspectos linguísticos e não linguísticos que fazem parte das práticas de linguagem oral e da comunicação oral. Melo e Cavalcante (2007), com base também nos estudos dos pesquisadores suíços, citam três aspectos que compõem as práticas orais de forma mais geral, são eles: *os aspectos linguísticos*, que estão relacionados às características mais comuns da língua falada, como as paráfrases, as repetições, as correções, os marcadores conversacionais; *os aspectos extralinguísticos*, que seria os elementos da situação de comunicação, como os participantes da interação e o grau de intimidade entre eles, além do grau de espontaneidade; e *os aspectos paralinguísticos*, que correspondem a emissão da voz, altura, volume, tom, as pausas na fala. Para as autoras, esses elementos são comuns aos gêneros orais e precisam ser considerados no momento em que eles são realizados.

Bueno (2008)¹⁰ destaca os meios linguísticos e não linguísticos mobilizados para a realização de seminários. Os meios linguísticos discursivos, a pesquisadora descreve como “os mecanismos de textualização (coesão verbal, coesão nominal e conexão) e os mecanismos de enunciação (modalização e vozes)” (Bueno, 2008, p. 4). Esses mecanismos ajudam na construção de significado da comunicação oral, visto que eles permitem o entrelaçamento dos temas e dos subtemas da apresentação oral. Quando o(a) expositor(a) tem dificuldades na mobilização desses mecanismos, pode ocorrer a falta de entendimento do público para as informações fornecidas.

Os meios não linguísticos não estão diretamente relacionados às características da língua, mas também compõem a significação, são eles:

- a) *meios paralinguísticos*: qualidade da voz, melodia, ritmo, risos, sussurros, respiração, etc;

¹⁰ Para desenvolver o trabalho sobre seminário, Bueno (2008) se baseia: (i) nos postulados do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) conforme Bronckart (1999, 2008), para quem, quando usamos um gênero textual, sempre o adaptamos às necessidades de cada situação de interação verbal: situação de produção, organização textual e uso da linguagem; (ii) também nos postulados das propostas didáticas e modelos didáticos de Schneuwly e Dolz (2004). CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

- b) *meios cinésicos*: postura física, movimentos de braços ou pernas, gestos, olhares, mímicas faciais, etc;
- c) *posição dos locutores*: ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias, contato físico, etc.;
- d) *aspecto exterior*: roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza, etc;
- e) *disposição dos lugares*: lugares, disposição, iluminação, disposição das cadeiras, ordem, ventilação, decoração etc. (Bueno, 2008, p. 4)¹¹

Tomamos os meios linguísticos e não linguísticos como importantes para a realização da comunicação oral, visto que, tal como o seminário, na comunicação oral eles auxiliam na construção da significação. Os meios paralinguísticos, por exemplo, contribuem para o interesse ou desinteresse da plateia. Uma fala sem muita variação de tonalidade, que mantém o mesmo ritmo ou que é muito rápida ou muito devagar, pode gerar enfado, logo, a variação do tom de voz permite alívio na fala além de captar a atenção do público (Zani, 2018). Manter o interesse do público para o que está sendo apresentado é aspecto essencial na realização do gênero, e os meios cinésicos podem auxiliar nessa interação, visto que o corpo também fala (Zani, 2018), ou seja, complementa o que está sendo dito. No entanto, o seu uso precisa ser comedido, pois se usado em excesso pode causar efeito contrário, atrapalhando ou mesmo confundindo o público (Zani, 2018).

Nesse sentido, compreender os recursos que compõem a comunicação oral torna-se fundamental para que os(as) estudantes consigam se inserir de forma eficaz nos campos científico e acadêmico, especialmente no contexto da Iniciação Científica voltada à divulgação científica, na qual esse gênero é amplamente solicitado.

O conceito de Iniciação Científica, como concebida neste estudo, é entendida como os primeiros passos dos estudantes no ambiente da pesquisa científica, em que o(a) estudante participa de um projeto com objetivos definidos e sobre a orientação de um(a) professor(a)/orientadora(a), em que pode ou não ter o auxílio de bolsas (cf. Massi; Queiroz, 2015). Destacamos que ela contribui para a formação de pesquisadores(as), pois propicia aos(as) estudantes a possibilidade do conhecimento de métodos, de técnicas e de metodologias que envolvem o fazer e o agir científico. A pesquisa de Moura, Cecchetti e Bernardi (2020), por exemplo, evidenciou que a participação no PIBIC contribuiu para o desenvolvimento do *habitus* de pesquisador(a) nos(as) estudantes, ao proporcionar vivências em atividades científicas vinculadas à Iniciação Científica, como a aprendizagem de métodos e técnicas de pesquisa. Esses dados reforçam o papel do programa como

¹¹ Vale salientar aqui que os meios linguísticos e os meios não linguísticos evidenciados por Bueno (2008) e por Melo e Cavalcante (2007) foram inicialmente propostos nos estudos da Escola de Gêneros de Genebra e que circulam no Brasil especialmente no livro *Gêneros orais e escritos na escola* (Dolz; Schneuwly, 2004).

um importante instrumento de inserção e continuidade no campo científico. Dito de outra forma, o(a) estudante tem a oportunidade de participar, produzir e refletir sobre as ações, os conhecimentos e as regras que compõem o jogo tanto do campo científico quanto do acadêmico (cf. Canaan; Nogueira, 2015).

Nesse sentido, a IC pode ser entendida, portanto, como uma iniciativa, um caminho que insere o(a) estudante no processo de formação, de pensamento e da prática da pesquisa científica. Os(as) estudantes têm contato com os(as) orientadores e com outros(as) pesquisadores(as), possibilitando que adquiram uma maturidade científica que é essencial para esse campo (Cabrero; Costa, 2015). Ou seja, auxilia na criação do *habitus* de pesquisador (Bourdieu, 2004; Canaan; Nogueira, 2015; Moura; Cecchetti; Bernardi, 2020). Atrelada a esse *habitus*, está a satisfação que os(as) estudantes têm em relação a sua produção científica (Cabrero, 2007), aspecto evidenciado também nesta pesquisa. Essa produção científica de que tanto os(as) estudantes se orgulham de terem produzido, precisa ser divulgada; destacando-se, nesse ponto, o papel dos congressos, que permitem ao(a) pesquisador(a) dar visibilidade e divulgar sua pesquisa, socializando com outros(as) pesquisadores(as). Ou seja, a divulgação científica é uma etapa importante e constitutiva do fazer e do agir científico.

No contexto desta pesquisa, as práticas de letramento científico vivenciadas pelas pesquisadoras Luísa e Luana ilustram os conceitos discutidos. Como participantes de práticas e eventos científicos, elas enfrentaram desafios próprios da realização da comunicação oral, incluindo o domínio de elementos linguísticos, não linguísticos e organizacionais. Essas dificuldades, alinhados à construção de uma identidade de pesquisador(a), evidenciam como as práticas de letramento são situadas e dependem de orientações específicas para serem realizadas com êxito.

A comunicação oral na Iniciação Científica e para a divulgação científica

Como já destacado ao longo deste trabalho, a prática da comunicação oral é uma das principais formas de divulgação oral de pesquisas científicas no campo científico, além de se mostrar um momento oportuno para que os(as) pesquisadores(as) possam discutir suas pesquisas com seus pares (Bourdieu, 1983; 2004) e isso não é diferente na IC, em que os(as) expositores(as) têm a oportunidade de divulgarem os dados de suas pesquisas e ouvir sugestões e comentários da banca que compõem os seminários de avaliação¹².

¹² Evento em que os(as) pesquisadores(as) apresentam suas pesquisas para uma banca, seus pares, e recebem sugestões, críticas, *feedback* e uma avaliação pela comunicação oral referente a pesquisa científica realizada. CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

Essa prática oral na IC possui algumas particularidades, apesar de manter o seu objetivo que é a divulgação científica. Quando realizada em eventos, por exemplo, a plateia, ao final da apresentação, tem a possibilidade de realizar perguntas, fazer comentários; enquanto que nos eventos de caráter mais avaliativos que vivenciamos, somente a banca, formada por pesquisadores com mais experiências, podia fazer comentários. Reforçamos, portanto, que no contexto da IC da UFAPE, além de realizar a pesquisa e escrever dois relatórios, um parcial e outro final, as duas estudantes deveriam fazer a apresentação desses relatórios de forma oral por meio da comunicação oral. Para efetivamente participar desse campo científico, o(a) estudante precisa dominar a realização do gênero nesse contexto em específico, permitindo que se insira como um iniciante no universo da pesquisa científica.

A produção do gênero, entretanto, não se dá apenas no momento da apresentação oral para a banca examinadora, mas depende também de todo um contexto que lhe é anterior e que influencia nessa produção, como: as práticas de letramento já vivenciadas pelos(as) estudantes; as experiências anteriores com o gênero (realização da comunicação oral em eventos, congressos ou a participação em seminários nas disciplinas do curso); a escolha do aporte teórico e metodológico; a coleta e análise dos dados; a produção do relatório; a organização do *slide* e do dados; e também a realização de ensaios, que visam à adequação da linguagem e do tempo sugerido para a comunicação oral; além do uso de expressões corporais e faciais e dos aspectos da fala, como volume e tom de voz.

A partir dessa compreensão, é preciso considerar que a realização do gênero envolve o imbricamento de todos esses aspectos: a sua organização interna (Dolz *et al.*, 2004) e os meios linguísticos e não linguísticos (Melo; Cavalcante, 2007; Bueno, 2008). Na apresentação oral do relatório final, realizada na sala do PROFLETRAS / UFAPE no dia 18 de setembro de 2023, Luísa e Luana fizeram uso de todo o tempo disponibilizado (Ver Quadro 02), algo que não ocorreu na primeira apresentação oral.

Quadro 2: Tempo das comunicações orais

Pesquisadoras	1ª comunicação oral (apresentação do relatório parcial)			2ª comunicação oral (apresentação do relatório final)		
	Tempo da comunicação oral	Tempo da arguição da banca	Tempo total	Tempo da comunicação oral	Tempo da arguição da banca	Tempo total
Luana	07min55s	05min7s	13min25s	11min30s	6min25s	17min55s
Luísa	08min55s	07min66s	16min21s	10min20s	7min13s	17min33s

Fonte: Os autores (2025).

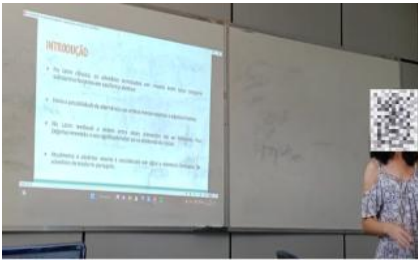
Esse aspecto evidencia que Luísa e Luana estavam mais seguras para realizar a comunicação oral, como revelaram nas Rodas de Conversa. Logo, conseguiram expor mais informações sobre as suas pesquisas, como podemos observar no excerto abaixo:

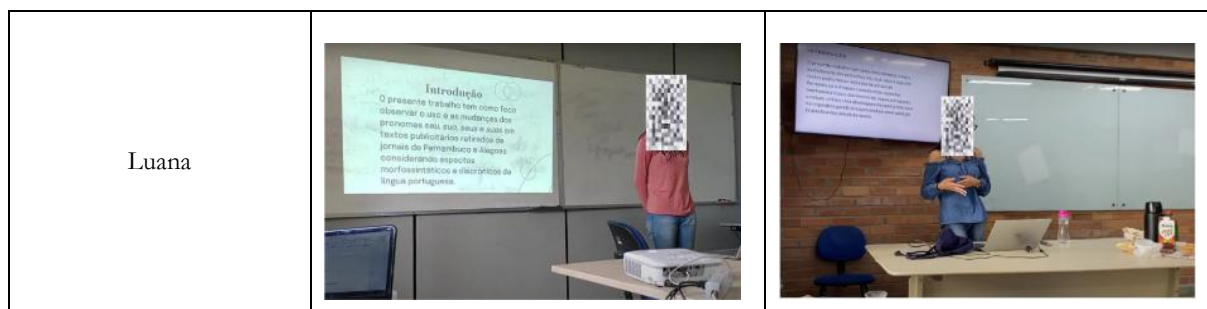
[...] mas:: eu consegui:: eu senti mais segurança de falar sobre os efeitos que estavam sendo mostrados ali:: do/ do que tava acontecendo:: sabendo que eu realmente tinha propriedade:: pra falar que no parcial eu:: fiquei um pouco nervosa enquanto a isso:: tá eu vou falar:: mas e se eu errar:: e se eu falar alguma coisa que não vai:: que não condiz com a realidade:: e aí eu vou ser cobrada só que dessa vez:: não:: eu fiquei tá:: eu estudei:: eu:: li:: isso aqui:: eu fiz o relatório:: então:: é impossível que eu vá falar alguma coisa errada depois de ter:: feito tudo isso:: [...] (Luana, Roda de Conversa 6)

A comunicação oral tem por objetivo a divulgação de dados de pesquisas ainda em desenvolvimento ou já finalizadas. No momento da sua realização, os(as) expositores(as) assumem, mesmo que temporariamente, a função de especialista na área (Dolz *et al.*, 2004). Dessa forma, a afirmação de Luana “**eu estudei:: eu:: li:: isso aqui:: eu fiz o relatório:: então:: é impossível que eu vá falar alguma coisa errada depois de ter:: feito tudo isso:: [...]** (Luana, Roda de Conversa 6)” reforça que a pesquisadora cumpriu as etapas que compõem o fazer científico, mas que também compreendeu que, dentre estas etapas, está a divulgação científica. Apesar de a primeira comunicação oral ter sido desafiadora, ter causado medo, as experiências e as práticas vivenciadas nesse evento possibilitaram uma maior segurança à pesquisadora para expor a sua pesquisa na segunda comunicação oral.

Na primeira comunicação oral foi usado como recurso visual um projetor para o *slide* que ficou posicionado na parte da frente da sala, do lado direito das expositoras. Na segunda foi usada uma TV para a projeção do *slide*, que ficou posicionada na parte da frente da sala ao lado direito das pesquisadoras. A seguir, expomos os espaços dos eventos de letramento em que as comunicações orais aconteceram.

Quadro 3: Espaços das comunicações orais

Pesquisadora	Espaço da primeira comunicação oral	Espaço da segunda comunicação oral
Luísa		

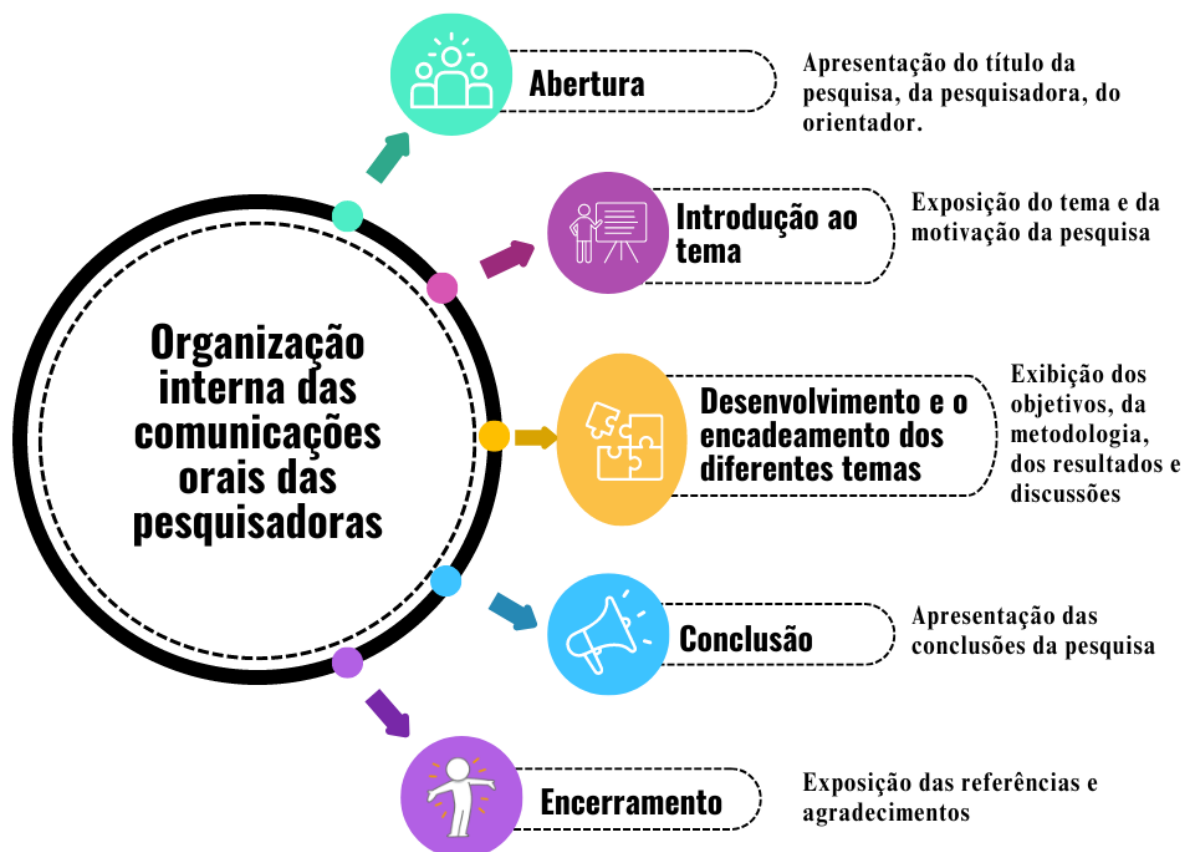


Fonte: Os autores (2025).

Em relação à organização interna da comunicação oral, Dolz *et al.* (2004) propõem sete etapas: *abertura, introdução ao tema, apresentação do plano da exposição, desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas, fase de recapitulação e síntese, conclusão, encerramento*. Algumas dessas etapas, como destacam os estudiosos, são bem ritualizadas, ou seja, sempre costumam fazer parte dessa prática, a exemplo da abertura, da conclusão e do encerramento; enquanto outras, como as da apresentação do plano da exposição e a fase de recapitulação e de síntese, não costumam estar sempre presentes na sua realização. É preciso destacar, todavia, que para a realização exitosa dessa prática oral, não necessariamente todas estas etapas precisam compor o texto oral, apesar de algumas delas serem essenciais (fases da abertura, da introdução, do desenvolvimento da conclusão e do encerramento) para que a realização da comunicação oral cumpra seu objetivo no contexto da IC que é *divulgar as pesquisas científicas*. Em contrapartida à falta de orientação de como proceder nesse contexto, Luísa e Luana fizeram uso da maioria das etapas da comunicação oral (Dolz *et al.*, 2004) nas apresentações orais dos relatórios parcial e final, detalhadas na Figura 1 a seguir.

Figura 1: Organização interna das comunicações orais das pesquisadoras¹³

¹³ A organização interna das comunicações orais das duas pesquisadoras desta pesquisa foi realizada a partir dos estudos de Dolz *et al.* (2004).



Fonte: Os autores (2025).

Essas etapas permitem que o(a) pesquisador(a) revele ao público, o título e o objetivo da sua pesquisa, a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos, as análises e as conclusões, finalizando com o agradecimento. Frisamos que as etapas propostas por Dolz *et al.* (2004) não são de conhecimento da maioria dos(as) expositores(as), e que se faz necessário mais estudos na área e mais práticas educativas¹⁴ que reflitam e ensinem às suas especificidades e oportunize ao(a) estudante realizar essa prática de forma a cumprir seu objetivo e que esteja de acordo ao contexto de produção proposto.

A organização interna usada nas comunicações orais das pesquisadoras, apesar de contemplar cinco das sete fases (ver Figura 1 acima) sugeridas por Dolz *et al.* (2004), foi sistematizada a partir do relatório escrito. A etapa dos “resultados e discussões” foi a que mais as pesquisadoras usam tempo na apresentação, visto que é nesta etapa em que mostram os dados das pesquisas e possuem a oportunidade de discuti-los. O *slide* foi usado como um norteador dos tópicos que foram abordados em suas pesquisas; contudo, as apresentações não ficaram restritas

¹⁴ O trabalho de Lima, Cordeiro e Lima (2023) é exemplo de uma pesquisa que buscou analisar como uma intervenção didática por meio de um minicurso poderia contribuir para o desenvolvimento da expressão oral dos estudantes, como também, para a realização da comunicação oral no âmbito da Iniciação Científica. CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

apenas ao que estava escrito no *slide*, uma vez que expuseram exemplos e explicaram as informações expostas. Vejamos alguns exemplos nos quadros¹⁵ abaixo:

Quadro 4: Trecho da etapa da metodologia na primeira comunicação oral de Luana

Comunicação oral – relatório parcial	
Slide 4: Metodologia 	Textualização oral (00:55) Ini::cialmente a gente tinha:: até a intenção de trabalhar com:: dez jornais de alagoas e dez de::/de PERnambuco (+) de início:: eu consegui mais:: material de Pernambuco então:: ((olha e gesticula com as mãos em direção ao slide)) eu trabalhei:: com esses três que são:: penedo o jornal penedo que é de alagoas o lidador e o lavoura da criação são de Pernambuco (+) do:: o jornal penedo ele era um JORnal que:: era semanal era/era trazia notícias do cotidiano:: do/de:: eram:: (+) era uma edição por semana:: o lidador também eram:: notícias cotidianas então era uma edição por semana já o lavou em criação ele era focado em:: (+) aGRicultura então ele era é:: um jornal men::sal é:: uma edição por mês trabalhei em cima de/dos três jornais:: é:: pe/ é um pouco mais escasso:: no caso do jornal penedo ele:: as edições dele só vão até mil:: novecentos:: e:: sessen::/ e cinquenta e nove então assim:: a partir de/de mil novecentos e cinquenta e nove então:: todas as análises que eu fiz:: dos jornais de alagoas são entre mil novecentos e cinquenta a mil novecentos e cinquenta e nove já o lidador e o lavoura da criação eu já consegui dados a partir de mil novecentos e:: sessenta também a::/até mil novecentos e sessenta e dois na verdade a gente teve/ eu tive muita dificuldade de encontrar:: até:: o final de mil novecentos e sessenta (+)
	Didascália paralinguística Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.
	Aspectos cinésicos Tem expressão facial neutra. Gesticula as mãos. Interagiu com o slide Fez contato visual com a plateia
	Aspectos proxêmicos A pesquisadora fica em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A projeção do slide está posicionada à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os slides está à sua frente.
	Suportes / equipamentos Equipamentos: notebook e projetor para projeção. Suporte: slide

Fonte: Os autores (2025).

Quadro 5: Trecho da etapa da metodologia na primeira comunicação oral de Luísa

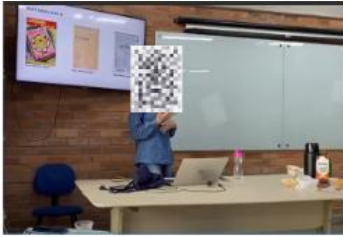
Comunicação oral – relatório parcial	
Slide: 6 Resultados e discussão 	Textualização oral (03:35) No que se refere:: a nossos resultados:: é:: analisando as cartas:: esses foram os advérbios:: encontrados:: em nossas cartas o que:: me chamou:: primeiramente a atenção:: foi a:: grafia a escrita mesmo de::sses advérbios e:: percebi que:: a maioria deles se escreve a grafia é:: bem parecida com o do português do século vinte e um:: o que diverge é:: o advérbio consi/consequentemente que a gente fala hoje consequentemente e:: aqui:: ((aponta para o advérbio no slide)) é:: se escreve com uma grafia divergente consequentemente tem um izinho:: ali no

¹⁵ A organização da transcrição das comunicações orais seguiu o modelo de Lima, Cordeiro e Lima (2023), adaptado de Dolz, Lima e Zani (2021).

	meio e também:: é tem algumas palavras:: que eu percebi que não são:: tão produtivas na nossa língua como:: mavormente e miudamente que:: eu:: vou fazer uma análise pra ver o sig::nificado dessas palavras:: que me interessam bastante então:: ((olha para o slide)) encontramos um total de quinze:: advérbios aí
	Didascália paralinguística
	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.
	Aspectos cinésicos
	Tem expressão facial neutra. Gesticula as mãos. Leitura do conteúdo exposto pelo notebook. Interage com a plateia.
	Aspectos proxêmicos
	A pesquisadora fica em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A projeção do slide está posicionada levemente à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os slides está à sua frente.
	Suportes / equipamentos
	Equipamentos: notebook e projetor para projeção. Suporte: slide

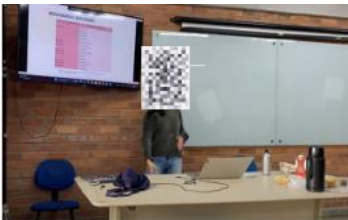
Fonte: Os autores (2025).

Quadro 6: Trecho da etapa da metodologia na segunda comunicação oral de Luana

Comunicação oral – relatório final	
Slide 4: metodologia	Textualização oral
	(2:12) e como metodologia a gente usou esses três:: jornais é:: lavoura e criação lidador e penedo no caso de:: lavoura e criação é:: um jornal aqui de Pernambuco:: ele era mais focado em Recife e:: era:: quinzenal no caso além disso eles também tinham uma empresa que era fo/focada também na criação de lavoura o lidador já tem um caráter mais:: (+) é:: no/ do país:: ele não era focado só aqui em Pernambuco mas também:: salvador distrito federal e santa catarina e minas gerais:: é::/ era um jornal semanal só que em alguns:: estados ele era:: de duas semanas/ duas vezes na semana ele:: era publicado:: penedo:: ele era de alagoas era do estado de alagoas em si:: mas a sede do jornal penedo era na cidade de penedo de penedo ele:: era passado pro restante do estado e era um jornal semanal lavoura e criação como diz:: o jornal ele é focado na questão de criação de::/ de gado:: e enfim da lavoura em si:: o lidador e o jornal de penedo eram jornais cotidianos então:: eles tinham esse caráter mais de:: como hoje a gente conhece como telejornal
	Didascália paralinguística
	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.
	Aspectos cinésicos
	Tem expressão facial neutra. Direciona o olhar para o notebook à sua frente. Gesticula as mãos. Interage com a plateia, não interage com a projeção do slide na TV.
	Aspectos proxêmicos
	A pesquisadora fica em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A TV com a projeção do slide está posicionada levemente à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os slides está à sua frente.
	Suportes / equipamentos
	Equipamentos: notebook e TV para projeção. Suporte: slide

Fonte: Os autores (2025).

Quadro 7: Trecho da etapa da metodologia na segunda comunicação oral de Luísa

Comunicação oral – relatório final	
Slide 7: resultados e discussão 	Textualização oral
	(4:11) chegando aos nossos resultados:: é:: (+) esses aqui foram os advérbios que encontramos:: é:: nessas cartas aqui na primeira metade do século dezoito:: e:: desde a primeira vez que eu comecei a:: fazer essa pesquisa a primeira coisa:: que eu observei foi sobre a grafia:: é:: desses advérbios:: nas cartas:: no caso aqui na primeira metade do século dezoito:: apenas a palavra consequentemente:: deixa eu ver onde ela tá aqui:: que tem esse izinho aqui que a gente não usa hoje no nosso português do século vinte e um que a gente utiliza como consequentemente a gente percebe essa grafia diferente e também a palavra mal/ mal/ malvamente e miudamente que não é tão produtiva:: em nossa língua hoje em dia:: a gente não utiliza tanto
	Didascália paralinguística
	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.
	Aspectos cinésicos
	Tem expressão facial neutra. Direciona o olhar para o notebook à sua frente. Gesticula as mãos. Interage com a plateia, não interage com a projeção na TV.
	Aspectos proxêmicos
	A pesquisadora fica em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A TV com a projeção do slide está posicionada levemente à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os slides está à sua frente.
	Suportes / equipamentos
	Equipamentos: notebook e TV para projeção. Suporte: slide

Fonte: Os autores (2025).

Pelo observado nos quadros acima e das imagens de cada etapa, identificamos que Luana apresenta três exemplares analisados na pesquisa e explica-os de forma oral: “[...] **penedo que é de alagoas o lidador e o lavoura da criação são de Pernambuco (+) do:: o jornal penedo ele era um JORnal que:: era semanal era/era trazia notícias do cotidiano:: do/de:: eram:: (+) era uma edição por semana:: o lidador também eram:: notícias cotidianas então era uma edição por semana [...]**” (Trecho da metodologia da primeira comunicação oral de Luana). Com a leitura da imagem, correspondente ao trecho dos “resultados e discussões” da primeira comunicação oral, percebemos que Luana expôs uma imagem de cada jornal e, a partir delas, explicita o nicho de cada jornal, a frequência e a seção onde eram publicados, e até que ano conseguiu os exemplares. Já Luísa expõe um quadro com a contabilização dos advérbios terminados em *-mente* e, a partir dele, explica e compara esses dados, evidenciando os advérbios que ainda mantêm a mesma grafia, aqueles que tiveram alguma mudança ou mesmo que estão em desuso: “[...] **é:: se escreve com uma grafia divergente consequentemente tem um izinho:: ali no meio e também:: é tem algumas palavras:: que eu percebi que não são:: tão produtivas na nossa língua como:: mavormente e miudamente [...]**” (Trecho dos resultados e discussões da primeira comunicação oral de Luísa). Chamamos atenção,

portanto, para o fato de que as pesquisadoras não ficaram presas somente aos dados expostos nos *slides*, mas explicaram e compararam as informações apresentadas.

Em uma comunicação oral, o(a) expositor(a) assume, naquele momento, a função de especialista (Dolz *et al.*, 2004), que expõe um tema específico ou os dados de uma pesquisa científica a um público. Assim, compreendemos que se assumir como especialista inclui ter conhecimento e autonomia para ofertar exemplos além daqueles que estão expostos no suporte usado. Pelo observado acima, as pesquisadoras assumiram a posição de especialistas da área, explicando as informações exibidas nos *slides* e contribuindo para o entendimento do público. Esse aspecto evidenciou ainda, que elas construíram uma identidade de pesquisador durante a IC, que além de cumprir as etapas da pesquisa científica, de realizar as práticas escritas a exemplo dos relatórios, também a divulga de forma oral por meio da comunicação oral.

A comunicação oral é constituída por diferentes semioses além da escrita e da oralidade. Zani (2018) destaca que na realização dessa prática o corpo também fala sendo, por esse motivo, que além da organização interna, é preciso observar os meios linguísticos e não linguísticos (Bueno, 2008) que constituem essa prática oral. Nos quadros a seguir, detalhamos os principais meios não linguísticos (Bueno, 2008) que compuseram as comunicações orais para a apresentação dos relatórios parcial e final de Luísa e Luana.

Quadro 8: Meios não linguísticos das comunicações orais de Luana

Meios não linguísticos (Bueno, 2008)	1ª Comunicação oral	2ª comunicação oral
Meios paralinguísticos	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.
Meios cinésicos	Expressão facial neutra; gesticula as mãos e tem boa postura corporal; interagiu com a plateia; interagiu com a projeção do <i>slide</i> , apesar de em alguns momentos, realizar a leitura dos exemplares pelo <i>notebook</i> .	Expressão facial neutra; gesticula as mãos e tem boa postura corporal; interagiu mais com a plateia que na primeira comunicação oral principalmente nos momentos dos resultados e discussões; interagiu menos com a projeção do <i>slide</i> do que na primeira comunicação oral; em alguns momentos, a leitura dos exemplares foi realizada pelo <i>notebook</i> .
Posição dos locutores	A pesquisadora ficou em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A projeção do <i>slide</i> estava posicionada à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os slides estava à sua frente.	A pesquisadora ficou em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A TV com a projeção do <i>slide</i> estava posicionada levemente à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os <i>slides</i> estava à sua frente.
Aspecto exterior	Uso de vestimenta, penteado e outros adereços adequados ao contexto.	Uso de vestimenta, penteado e outros adereços adequados ao contexto.
Disposição dos lugares	O espaço reservado para a apresentação ficou na parte da frente da sala, com a projeção do <i>slide</i> posicionado ao lado direito, e uma mesa com o notebook para	O espaço reservado para a apresentação ficou na parte da frente da sala, com a projeção do <i>slide</i> , na TV, posicionado, levemente, ao lado direito, e uma mesa com o notebook para

	passar o <i>slide</i> à frente. A plateia ficou posicionada à frente da pesquisadora. A iluminação da sala era boa.	passar o <i>slide</i> à frente. A plateia ficou posicionada à frente da pesquisadora. A iluminação da sala era boa.
--	---	---

Fonte: Os autores (2025).

Quadro 9: Meios não linguísticos das comunicações orais de Luísa

Meios não linguísticos (Bueno, 2008)	1ª Comunicação oral	2ª comunicação oral
Meios paralinguísticos	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.	Voz fluente, respiração e elocução adequadas, boa entonação.
Meios cinésicos	Expressão facial neutra; o olhar foi direcionado tanto para a projeção do <i>slide</i> , como para o notebook para a leitura dos exemplares em alguns breves momentos; gesticula as mãos; boa postura corporal; interagiu com a plateia, principalmente no momento dos resultados e discussões; pouca interação com a projeção do <i>slide</i> .	Expressão facial neutra; gesticula as mãos; boa postura corporal; interagiu mais com a plateia com a projeção na TV do que na primeira comunicação oral, principalmente no momento dos resultados e discussões; em alguns momentos a leitura dos exemplares foi realizada pelo <i>notebook</i> .
Posição dos locutores	A pesquisadora ficou em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A projeção do <i>slide</i> estava posicionada à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os <i>slides</i> estava à sua frente.	A pesquisadora ficou em pé durante toda a comunicação oral e de frente para o público. A TV com a projeção do <i>slide</i> estava posicionada levemente à direita da pesquisadora, enquanto o notebook usado para passar os <i>slides</i> estava à sua frente.
Aspecto exterior	Uso de vestimenta, penteado e outros adereços adequados ao contexto.	Uso de vestimenta, penteado e outros adereços adequados ao contexto.
Disposição dos lugares	O espaço reservado para a apresentação ficou na parte da frente da sala, com a projeção do <i>slide</i> posicionado ao lado direito, e uma mesa com o notebook para passar o <i>slide</i> à frente. A plateia ficou posicionada à frente da pesquisadora. A iluminação da sala era boa.	O espaço reservado para a apresentação ficou na parte da frente da sala, com a projeção do <i>slide</i> na TV, posicionada, levemente, ao lado direito, e uma mesa com o notebook para passar o <i>slide</i> à frente. A plateia ficou posicionada à frente da pesquisadora. A iluminação da sala era boa.

Fonte: Os autores (2025).

Pela análise dos quadros acima, pode-se afirmar que as pesquisadoras conseguiram fazer bom uso dos meios não linguísticos em suas comunicações orais, com voz fluente e boa entonação, com gestos corporais e faciais que contribuíram com a fala e interagindo com a plateia, principalmente no momento em que estavam apresentando os resultados das pesquisas e, de forma mais expressiva, na segunda comunicação oral. Ao levar em consideração que as pesquisadoras não tiveram orientações de quais etapas ou conteúdos deveriam estar presentes na apresentação ou se seriam avaliadas também pelos meios não linguísticos, elas conseguiram, de forma exitosa, realizar essa prática oral no contexto da IC e divulgar os dados de suas pesquisas para seus pares.

É preciso destacar que os meios não linguísticos são essenciais para a realização da comunicação oral, contribuindo para a significação do que é falado e na exemplificação dos dados, além de auxiliar a manter o interesse da plateia (Zani, 2018). Porém, faz-se necessário salientar que aspectos externos à prática oral, como o nervosismo, podem interferir em como os(as) estudantes CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

vão agir durante a apresentação, por exemplo, falando mais baixo ou muito rápido ou tendo dificuldades em conectar as informações expostas. Ao longo das apresentações orais ficou evidente que além dos desafios linguísticos, o nervosismo teve interferência na realização das comunicações orais, impactando na exposição das informações e na elocução da fala com uma fala mais rápida. Entretanto, esses desafios refletem que no meio científico e acadêmico, ainda faltam orientações para a realização de práticas orais para a divulgação científica, bem como, que existe a ausência de uma preparação pedagógica focada na linguagem e na divulgação científica a partir de práticas orais.

Para realizar a comunicação oral no contexto da IC os(as) pesquisadores(as) rememoram outras práticas além de usarem a experiência da realização do gênero em outros contextos. Por isso, em nossas Rodas de Conversa falamos com as pesquisadoras como foram as experiências delas com o gênero durante a educação básica, mas especificamente, o ensino médio. Ambas relataram, como já esperado, que o gênero era solicitado mas não era alvo de uma prática de ensino (Magalhães; Castro; Neves, 2022) em que suas principais particularidades eram ensinadas. É importante essa ação de rememorar a prática naquele contexto, porque os medos ou ensinamentos advindos da educação básica podem reverberar na comunicação oral no contexto da IC. Por exemplo, Luísa preferia apresentar trabalho a fazer provas escritas enquanto Luana tinha vergonha de apresentar seminários. Em outros momentos, Luísa revela que preferia realizar a comunicação oral a escrever o relatório escrito pelo *feedback* que recebe do público, enquanto Luana afirma que consegue se expressar melhor no relatório escrito.

aí o pessoal apresente seminário **sendo que ninguém nunca nessa vida me ensinou a apresentar um seminário** ((Luana confirma com o movimento de cabeça)) (Luísa, Roda de Conversa 1)

ah o que falavam era assim mantém a po::stura não pode encostar no quadro esse é um dos pontos mas ninguém me ensinou que o corpo também fala: quando a gente tá apresentando que tem que passar segurança no olhar na fala que você é um especialista daquele assunto quando você tá apresentando que a turma precisa interagir com você você com o material e todo mundo tem que interagir ninguém me explicou isso ((risos)) [...] (Luísa, Roda de Conversa 1)

sim decorava:: ((comentário relacionado a prática de decorar o conteúdo para a apresentação do seminário)) (Luísa, Roda de Conversa 1)

desse tamanho o papelzinho ((gesto com a mão)) (Luana, Roda de Conversa 1)

e o pior é que quando a gente apresentava um monte de menino lendo no papel gaguejando e o professor dizia que ia prestar atenção porque ia ser assunto da prova e não explicava o assunto (Luísa, Roda de Conversa 1)

essa questão de seminário na verdade eles:: é uma coisa que eu sou muito grata claro que:: não 100% porque **quando eu cheguei na faculdade e eu fiquei:: o que é um seminário** (+) mas:: eles davam toda a postura pra que a gente se sentisse a vontade pra apresentar tanto é que ah vocês querem tipo a gente fez sobre (++) ((inteligível)) **aí disseram aí a professora deu toda a liberdade se vocês quiserem vocês fazem**

alguns slides explicando se quiserem podem usar música fique à vontade sintam a vontade pra apresentar então assim a gente se sentia à vontade pra apresentar uma coisa que era interessante pra gente fazer essa pesquisa a gente enquanto adolescente pesquisando sobre literatura brasileira que não era uma coisa fácil e:: aí a relacionar isso com coisas do nosso cotidiano tornava tudo mais fácil só quê:: em contra partida a gente não tinha postura a gente falava pro professor a gente solta lá a música e ficava todo mundo calado olhando pra/pra pro quadro então:: assim nesse ponto eu acho que pecou mas a gente se sentiu muito à vontade pra apresentar no ensino médio (Luana, Roda de Conversa 1)

porque:: essa parte da/de:: apresentar e tals eu acho que na minha escola foi muito:: eu sinto assim que os professores acham que o aluno já sabe falar ((sinal de concordância com a cabeça de Luísa)) e por isso:: não precisa explicar é:: ensinar é um gênero oral foco muito na escrita mesmo por conta da redação do ENEM:: que é o que cobra:: que a escola realmente quer que passe nas provas nas provas da escola mesmo (Luísa, Roda de Conversa 1)

ah:: eu tinha uma professora no primeiro ano Regina muito boa ela trabalhava mais com teatro ela ensinava muito a partir do teatro e eu aprendi realmente (+) ela sempre explicava a nós esse negócio de postura:: de não tá encostado no quadro, também a questão da ENTOnação da voz:: ((inteligível)) a passar emoção a dominar o conteúdo ela tentou passar isso pra gente de alguma forma tentou (++) (Luísa, Roda de Conversa 1)

eu acho que no meu caso:: (+) isso aconteceu no ensino fundamental no ensino médio não teve no ensino fundamental ela pedia que a gente lesse os slides pra ver como tava nossa questão de leitura e ela sempre falava observe como você tá lendo observe como você tá:: pausan::do ali ah:: o tom que você tá falando ((inteligível)) mas chegar lá na frente e falar não era livre (+) (Luana, Roda de Conversa 1)

Pelos excertos acima da Roda de Conversa 1, observamos que apesar de o seminário ser um gênero bastante solicitado no processo de ensino-aprendizagem, ele não é alvo de um ensino sistemático em que suas características são refletidas e ensinadas (Magalhães; Castro; Neves, 2022). É, provavelmente, pelas particularidades de o gênero não serem refletidas no processo de ensino, que a prática da “decoreba” ainda seja frequente na educação básica e no ensino superior. Essa prática é preocupante pois demonstra que o gênero continua sendo negligenciado no ensino, e que seu objetivo, que é ajudar na aprendizagem dos conteúdos e no desenvolvimento da expressão oral dos(as) estudantes na graduação, não é de fato efetivado. Nos excertos expostos acima, as falas das pesquisadoras indicam que ainda prevalece a visão errônea que os(as)estudantes sabem realizar qualquer prática oral na educação básica e já sabem realizar a comunicação oral no ensino superior.

As tentativas que se têm de ensinar o gênero, como pudemos observar, são poucas e muito restritas e, infelizmente, ainda não conseguem abordar os aspectos linguísticos e não linguísticos e estruturais do gênero, ficando restritas apenas a dicas como, *não encostar na parede e manter a postura*. É por esse motivo que os(as) estudantes, quando iniciam o ensino superior, mesmo tendo realizado apresentações orais durante a educação básica, ainda sentem medo e dúvidas, e tem falas como a

de Luana: “[...] quando eu cheguei na faculdade e eu fiquei:: o que é um seminário [...]” (Luana, Roda de Conversa 1).

Essa visão de que os(as) estudantes já sabem realizar a comunicação oral em qualquer contexto também foi observada na IC, visto a falta de orientação em como realizar a prática nesse contexto, além da falta de orientação a nível nacional, já que o CNPq não disponibiliza indicação de como deveria ser a comunicação oral nos seminários de avaliação nas Instituições de Ensino Superior. Nessa perspectiva, é preciso que haja uma conscientização de que as práticas orais precisam ser ensinadas em todos os níveis de ensino e que programas de Iniciação Científica e eventos científicos devem ofertar orientações e bancos de dados com exemplares que guiem os(as) estudantes em como devem proceder, nesses eventos, ao realizar a comunicação oral e/ou outra prática oral para divulgarem as suas pesquisas científicas.

Sabendo que a comunicação oral é umas das principais práticas orais para a divulgação científica no campo científico, conversamos com as pesquisadoras a fim de compreender como elas percebiam essa prática oral para divulgarem as suas pesquisas. Vejamos os excertos a seguir da Roda de Conversa 7:

eu gosto assim:: a parte da apresentação oral assim eu gosto muito:: eu sempre gostei da parte mais oral sabe:: até sempre durante a educação básica:: eu preferia do que prova mil vezes:: até aqui na universidade eu prefiro:: seminário do que me dá uma prova pra eu fazer mas eu::/ eu empolgo muito:: na parte escrita também:: mas a parte oral se eu senti que eu:: não:: atingi um nível de:: satisfação que eu tava esperando:: eu saio um pouquinho mal eu digo:: meu deus:: eu deveria ter me dedicado mais:: eu deveria:: ter:: melhorado em tal parte:: mas é uma sensação boa quando a gente ver pessoas gostando da sua pesquisa:: você conseguir fazer isso:: por meio da oralidade:: (+) (Luísa, Roda de Conversa 7)

(++) eu tenho certa:: (++) eu tenho certas ressalvas com a parte do oral:: geralmente na parte escrita eu me saio melhor:: e aí:: vezes eu fico:: quando eu termino eu fico pensando:: tá:: o que eu poderia ter feito diferente:: o que eu poderia ter tirado e o que eu poderia ter acrescentado:: essa cobrança pós apresentação:: ((sinal de aspas com as mãos)) TODas as apresentações eu faço isso:: e aí tem um:: hoje tá bem melhor:: mas eu tinha muito problema de dicção:: então isso eu precisei trabalhar muito:: a partir do momento em que eu entrei no::/ na iniciação científica:: eu já tentei trabalhar isso justamente:: por saber que eu não podia ficar travando:: toda hora enquanto eu tava apresentando:: o trabalho:: e acho que por isso:: eu tenho bem mais facilidade com trabalho escrito:: do que com o oral propriamente dito:: (++) ((inteligível)) pra quem gosta da parte de leitura:: vai amar porque ali a gente consegue se expressar a gente consegue:: passar tudo que a gente quer e:: a gente sente muito mais facilidade de entender o assunto:: a partir de uma conversa:: e aí:: acredito que os dois:: ((inteligível)) (+) (Luana, Roda de Conversa 7)

a parte oral o que eu gosto mais que a parte escrita é o feedback imediato:: a gente percebe que o feedback do público é imediato:: eles tão ali interagindo com você:: agora na parte escrita:: eu acho:: que é essa parte mesmo de poder:: se expressar mais:: detalhar mais:: porque no::/ na parte oral:: tá lá:: dez minutos no máximo:: na parte escrita nunca disseram tem um máximo:: de laudas:: pra você escrever então:: eu sinto isso:: (Luísa, Roda de Conversa 7)

é interessante ver como a banca viu:: seu trabalho e a maneira que ela consegue:: fazer aqueles construídos a respeito dele e aí gente vai alterando conforme o que eles vão falando também:: ((inteligível)) (Luana, Roda de Conversa 7)

A partir da leitura dos excertos acima, observamos que Luana afirmou gostar da prática da comunicação oral para a divulgação científica e se sentiu bem em conseguir apresentar sua pesquisa de forma oral a outras pessoas. Apesar disso, ela revelou que sempre se cobra bastante ao realizar o gênero e sempre faz uma autoavaliação do momento. Luísa, por outro lado, diz que se sente mais confortável escrevendo do que apresentando oralmente, porém, em sua fala, percebemos que mesmo tendo mais afinidade com a escrita, a pesquisadora revela a preocupação com a boa realização da comunicação no contexto da IC, visto que sempre faz uma autoavaliação quando realiza o gênero. As pesquisadoras destacaram também, a importância do *feedback* da banca que acontece no momento da apresentação.

De forma geral, é esperado que o(a) pesquisador(a), ao realizar a comunicação oral para a divulgação dos resultados da pesquisa, use linguagem formal; que fale de forma clara, com tom de voz adequado e com bom volume; que seus gestos corporais contribuam com a fala; que interaja com a plateia e com a projeção do *slide*; que haja progressão temática dos tópicos da apresentação; que tenha organização interna da apresentação (apresentação do título, do tema, dos objetivos, da fundamentação, da metodologia, dos resultados e análise dos dados, da conclusão, dos agradecimentos) e que ela seja apresentada oralmente; demonstre conhecimento da fundamentação teórica, dos processos metodológicos e da análise dos dados; faça sínteses; exemplifique os dados e os explique.

Salientamos que a comunicação oral é uma prática social que, em sua realização, é perpassada pelos meios linguísticos e não linguísticos, por práticas orais e escritas e por diferentes semioses e todas elas precisam estar interligadas para que o seu objetivo, que é divulgar pesquisas científicas a seus pares, seja alcançado na IC. Para tanto, ao(a) estudante deve ser oportunizado, além da participação nessa prática, refletir as suas características, compreender o seu objetivo, pensar em possíveis adaptações, pois, como é uma prática social, ela adquire sentidos e significados a partir das relações interpessoais (Barton; Hamilton, 2004) que acontecem no campo científico.

Por fim, destacamos que a prática da divulgação científica contribuiu não apenas para o aprimoramento das habilidades e conhecimentos científicos da prática da comunicação oral, mas também para o fortalecimento da identidade/*habitus* de pesquisador ao possibilitar que as pesquisadoras se vissem como agentes de divulgação científica. Essa transformação foi especialmente perceptível na segunda comunicação oral, quando as pesquisadoras demonstraram maior confiança ao expor seus achados científicos.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo discutir como a comunicação oral, no âmbito da divulgação científica na IC, contribui para o desenvolvimento científico e acadêmico e para a construção de uma identidade/*habitus* de pesquisador. As análises desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram compreender a comunicação oral como prática oral de divulgação científica que desempenha um papel importante na formação de pesquisadores, visto que favorece o sentimento de pertencimento ao campo científico e a constituição da identidade do(a) estudante como pesquisador(a).

Acompanhando os processos de preparação e de realização das comunicações orais das duas pesquisadoras do curso de Letras nos seminários de avaliação de IC, foi possível identificar que, ainda que atravessada por tensões, essa prática constitui-se como espaço de circulação e de legitimação de saberes, permitindo a apropriação de práticas discursivas e de conhecimentos próprios do campo científico.

A contribuição deste estudo reside, principalmente, na articulação entre os aportes da Linguística Aplicada e dos estudos sobre letramentos com uma abordagem qualitativa e etnográfica voltada para eventos comunicativos reais, pouco explorados na literatura sobre IC: as comunicações orais nos seminários de avaliação do PIBIC e do PIVIC. Embora trabalhos como os de Ferreira e Lousada (2016), Pereira e Basílio (2014)¹⁶, entre outros, tenham se debruçado sobre práticas de escrita e de ensino de gêneros acadêmicos na universidade, este artigo contribui ao focalizar uma dimensão ainda pouco tematizada: a comunicação oral na Iniciação Científica e suas implicações formativas. Ao fazê-lo, amplia-se a compreensão dos modos de inserção do(a) estudante nos campos científico e acadêmico e evidencia-se a relevância de ações pedagógicas voltadas à orientação sistemática dessa prática no Ensino Superior.

A ausência de um trabalho didático mais estruturado em torno da comunicação oral no programa de Iniciação Científica aponta para a necessidade de (re)conhecê-la como prática situada, demandante de conhecimentos linguísticos e não linguísticos, discursivos e sociais específicos. Para garantir que os(as) estudantes desenvolvam plenamente suas habilidades discursivas e sejam agentes de divulgação científica, é necessário que as universidades integrem atividades pedagógicas que abordem de forma sistemática essa prática de divulgação científica desde as primeiras etapas da formação acadêmica e científica.

¹⁶ Enfatizamos que a comunicação oral é uma prática formadora ainda pouco explorada pedagogicamente no campo científico e acadêmico, diferente de trabalhos como os de Ferreira e Lousada (2016) e Pereira e Basílio (2014) que focalizam gêneros escritos. Ou seja, este estudo enfoca a comunicação oral como prática formativa no campo científico, enquanto os demais analisam práticas de escrita acadêmica e os desafios de normatização textual.

Portanto, este trabalho ressalta o sentimento de pertencimento das pesquisadoras ao campo científico por meio da comunicação oral e aponta a necessidade de sistematização didática desta como prática científica integradora e de formação de pesquisadores. Para finalizar, pontuamos que pesquisas futuras podem investigar como a comunicação oral pode ser utilizada, de maneira mais eficaz, como ferramenta de divulgação científica para o público geral, além da academia.

Referências

- BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local literacies: reading and writing in one community**. London: Routledge, 1998.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (editoras). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004, p. 109-139.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Sociologia**. 1983. Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. 1983, p. 122-155
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BUENO, Luiza. **Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos**. São Paulo. Anais do I SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: USP, 2008.
- BRONCKART, Jean-Paul.(1999). **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um Interacionismo Sociodiscursivo**. Trad. de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC.
- BRONCKART, J.-P. **Agir e discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2008
- CABRERO, Rodrigo de Castro. **Formação de pesquisadores na UFSCar e na área de educação especial: impactos do programa de iniciação científica do CNPq**. São Carlos, 2007. 276f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.
- CABRERO, Rodrigo de Castro.; COSTA, Maria da Piedade Resende. da. Iniciação científica, bolsa de iniciação científica e grupos de pesquisa. In: MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares. (orgs). **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 109-129.
- CANAAN, Mariana Gadoni.; NOGUEIRA, Maria Alice. Bens em disputa no campo universitário: o efeito de fatores socioeconômicos e culturais no acesso à bolsa de iniciação científica. In: MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares. (orgs). **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 65-85.
- DOLZ, Joaquim; LIMA, Gustavo, ZANI, Juliana B. Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. **Textura**, v. 22, n. 52, p. 250-274, out./dez. 2020.
- CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

DOI: <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-v22n52-5956>. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5956>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; DE PIETRO, Jean-François; ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Gláís S. Cordeiro. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 183-211.

FERREIRA, Marília Mendes; LOUSADA, Eliane Gouvêa. Ações do Laboratório de Letramento Acadêmico da USP: promovendo a escrita acadêmica na graduação e na pós-graduação. **Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, Florianópolis, v. 69, n. 3, p. 125–140, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2016v69n3p125>. Acesso em: 5 abr. 2025.

FIAD, Raquel Salek. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. **Pensares em Revista**, [S.l.], n. 6, set. 2015. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/18424/974>. Acesso em: 17 set. 2022. doi: <https://doi.org/10.12957/pr.2015.18424>.

FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 2007, 341 f. Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FISCHER, Adriana. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Sci. Lang. Cult. Maringá**, v. 30, n. 2, p. 177-187, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/2334>. Acesso 13 de novembro de 2022.

GEE, James Paul. Oralidad y literacidad: de El Pensamiento salvaje a Ways with Words. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (editoras). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004, p. 23-56.

LIMA, Gustavo; CORDEIRO, Leidiane Raimundo; LIMA, Leila Britto de Amorim. Superando os obstáculos na comunicação oral da iniciação científica: uma experiência no âmbito de um minicurso. **EntreLetras**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 148–167, 2023. DOI: 10.20873/uft2179-3948.2023v14n1p148-167. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/16456>. Acesso em: 21 out. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2012, p. 25-44.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; CASTRO, Joaquim Junior da Silva; NEVES, Clara Lage de Lima. Revisão sobre oralidade no contexto acadêmico de formação docente: quais práticas e gêneros?. In: FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio; MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva (Orgs). **Conhecimentos em cadeias dialógicas de enunciados: Linguagem, infâncias e educação nas produções de um grupo de pesquisa em Ciências Humanas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 162-186.

CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

MAGALHÃES, Tânia Guedes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Letramento científico, gêneros textuais e ensino de línguas: uma contribuição na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. In: Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD **Raído**, Dourados, MS, v. 12, n. 30 - jul./dez. 2018. Letramento Científico. 2018, p. 52-72.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares. Estudos sobre iniciação científica no Brasil: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 139, p. 173–197, 2010. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/192>. Acesso em: jan. 2023.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; CAVALCANTE, Marianne Bezerra. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs). **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 75-93.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. da. Introdução: Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

MOTTA-ROTH, D. Letramento científico: sentidos e valores. **Notas de Pesquisa**, [S. l.], p. 12–25, 2011. DOI: 10.5902/npesq.v0i0.3983. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/nope/article/view/3983>. Acesso em: 6 jun. 2023.

MOURA, Daiana De Nez ; CECCHETTI, Elcio; BERNARDI, Luci Teresinha Marchiori dos Santos. Contribuições do PIBIC/CNPq para a constituição do habitus de pesquisador. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 14, p. e3257096, 2020. DOI: 10.14244/198271993257. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3257>. Acesso em: 9 set. 2022.

MOURA, Adriana Ferro.; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 8 ago. 2022.

PEREIRA, Regina Celi Mendes; BASÍLIO, Raquel. 2014. A didatização da resenha acadêmica em contexto universitário. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.) **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes. p. 229 -248.

SANTOS, Maria Elena Pires; JUNG, Neiva Maria; SILVA, Regina Coeli Machado e. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópio** – v. 17, n. 1, janeiro-abril 2019.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Gláís S. Cordeiro. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2014.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe** [Online], CLARABOIA, n.23, p. 34-62, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

11 | 2012, posto online no dia 14 Março 2014. URL: [http:// pontourbe.revues.org/300](http://pontourbe.revues.org/300); DOI: 10.4000/pontourbe.300. Acesso em: 20 abr. 2023.

ZANI, Juliana Bacan. **A comunicação oral em eventos científicos:** uma proposta de modelização para a elaboração de sequências didáticas. Tese (Doutorado em Educação) de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2018, 303 f.